

# A ESPIRITUALIDADE A SERVIÇO DA TRANSFORMAÇÃO: O SANTO DAIME NA REESTRUTURAÇÃO DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO DE DROGADICTOS<sup>1</sup>

Livea Oliveira<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

A destrutividade determinada pela estruturação das sociedades contemporâneas lega ao homem uma condição de desespero ímpar. A drogadicção, como conseqüência de diversos fatores, surge e se qualifica como útil, na tentativa urgente de superar a dor de um conflito que atinge o sujeito e o faz sofrer.

Considerando a função da religião como norteadora para o desenvolvimento da autonomia e integridade individuais, conduzindo o indivíduo a ampliar gradualmente suas potencialidades e, assim, conferir-lhe serenidade e aceitação, a presente pesquisa buscou obter uma possível compreensão sobre as transformações alcançadas por um ex-adicto após seu ingresso à Doutrina do Santo Daime, 'curado' a partir desse modelo terapêutico-espiritual.

Os dados levantados através da entrevista foram organizados descritivamente em forma de caso e analisados através do método de análise do conteúdo. O trabalho justifica-se na possibilidade de complementar as fundamentações já existentes e ampliar a discussão da importante questão da espiritualidade como instrumento de cura na reestruturação do funcionamento psíquico do dependente químico.

A presente pesquisa descreve e busca compreender a singular trajetória de caos e autodegradação percorrida por um usuário compulsivo de drogas durante quatorze anos, 'curado' a partir de um modelo terapêutico-espiritual, 'A Doutrina do Santo Daime'.

Nosso sujeito, aqui nomeado apenas "Pedro", tem a característica de ter sido, até a cessação do uso, um "Consumidor Compulsivo" de drogas ilícitas, que diferentemente dos consumidores esporádicos ou recreativos, fez uso crônico e abusivo de drogas. Cessou-o desde seu ingresso à Doutrina do Santo Daime, há sete anos.

Pedro apresentava um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos indicando a contínua utilização de substância (cocaína e álcool), apesar de problemas significativos relacionados a ela. Com um padrão de auto-administração repetida que geralmente resultou em tolerância e comportamento compulsivo de consumo da droga por um período de catorze anos.

Optou-se pela escolha de um sujeito com uma permanência e abstinência do abuso de drogas com período superior a dois anos, buscando-se verificar a constância das transformações na restauração do equilíbrio psíquico.

Creemos que o conhecimento a respeito de perspectivas de cura dissonantes ao modelo biomédico predominante é de extrema relevância epistemológica, em virtude de sua extensa

---

<sup>1</sup> Texto resumido com base na Monografia de Conclusão de Curso – Centro de Ensino Luterano de Manaus – CEULM/ULBRA

<sup>2</sup> Mestranda na USP – contato: livea\_oliveira@yahoo.com.br

contribuição na releitura de paradigmas vigentes que limitam a percepção de homem e seu potencial integrador. Assim, observou-se, a partir da pesquisa, a preponderância deste fenômeno alternativo na integração e reorganização das várias dimensões que abarcam o ser humano e, assim, propicia a emersão da cura.

## **CAPITULO I: A HISTÓRIA DE PEDRO**

### **1.1 A INFÂNCIA**

Pedro é natural de Fortaleza, cidade a qual permaneceu por toda sua infância e início da puberdade. Chegou à Manaus com doze anos. Possui três irmãos. Filho de nordestinos, o pai comerciante, tendo cursado até o Ensino Fundamental, possuía um açougue. Sua mãe era técnica em radiologia. Afirma não lembrar de sua infância a não ser algumas poucas passagens de brincadeiras de rua com os amigos, mas que sempre foi 'mau-elemento'.

Ao chegar a Manaus, a família de Pedro se estabelece. Os negócios caminhavam, porém as exigências de autonomia precoce sempre foram uma constante. Com treze anos, Pedro arruma um emprego em uma Casa de Shows próxima de sua residência, trabalhando como assistente do Bar, fazendo drinks antes do funcionamento diário.

### **1.2 A ADOLESCÊNCIA**

Iniciam-se seus primeiros contatos com as drogas. Com 15 anos experimenta maconha e pasta base. Porém, seu envolvimento definitivo se dá com a cocaína, aos 16 anos. Pedro passa então a fazer uso apenas da cocaína e do álcool, juntamente com seus dois irmãos, o mais velho e o mais novo. No mesmo período, uma explosão de agressividade, irresponsabilidade e impulsividade, direcionam a conduta de Pedro. Começa a agredir todos em seu colégio, de alunos até os professores. Em menos de um ano troca de escola sete vezes.

Sobre sua família, Pedro relata:

“Meu pai é cachaceiro. Pai bebe até hoje. Só servia pra colocar dinheiro em casa. “Nunca tava presente, não falava nada e não se metia na vida da gente se a gente trabalhasse pra ele direito. Minha mãe é uma amiga, tranqüila, era esquentada, mas depois que virou evangélica aí ta melhor. Mas eu sempre tava fora, desde cedo. Nunca ficava perto deles. Não lembro de minha vida, infância até os 12 anos. Mas sei que ela sempre foi a que tomou conta de toda a família, desde pequeno, ela que se preocupava com a educação dos filhos e administração da casa.”

### **1.3 A IDADE ADULTA**

Dos 19 aos 21 anos ficou na Base Aérea Militar. Quando completou 21 anos saiu da Base Aérea e retornou para casa. Nesse período seus pais se separaram. Seu pai retorna a Fortaleza, e o Açougue fica sob responsabilidade de Pedro, que prontamente assumiu o

negócio por três anos. Os negócios não vão bem e resolve fechar o comércio e trabalhar como taxista, atuando até a adesão ao Daime.

Atualmente, Pedro é um homem de 37 anos, e mantém-se em abstinência do uso de drogas, cocaína e álcool, há 07 anos quando ingressou à da Doutrina do Santo Daime. Continua solteiro, sem filhos, mora somente com a mãe.

#### **1.4 DAS TREVAS RUMO À LUZ**

Pedro descreve-se como 'acelerado', nunca parava, sempre 'na atividade'. Tinha insônia desde a infância e sempre foi de comer pouco. Quando cheirava, não comia, tomava apenas 'vitaminas' e dormia até três horas apenas para 'recobrar as energias'. Quando começou a trabalhar como taxista, mais uma justificativa se uniu reforçando seu abuso: quanto mais tempo ele ficasse acordado, mais ele trabalhava e conseqüentemente sua renda mensal também.

“Meus dias eram tranqüilos, o problema era à noite. Tudo de noite era diferente. Eu só me drogava depois que o dia ficava escuro. Nessa época, estava cheirando nunca. E eu não tinha mais 20 e poucos anos, as ressacas não eram iguais, ficava dias até me recuperar. Vômito de sangue, dores de cabeça terríveis, cansaço. Além de um mal-estar terrível. Eu cheirava de quarta a domingo. Segunda e terça 'o cara' tinha que se 'recompor'. Se não tivesse entrado no Daime não sei se tava aqui agora.”

Relata que nesse período, ficava por até três dias sem dormir, indo pra casa apenas quando estava exausto. Um mal-estar se instalava. Pedro afirmava sentir-se cada vez mais perdido e transtornado, mas não queria parar. Após o ingresso a Doutrina, descreve como passou a se perceber:

“Eu tava doente, doente do espírito, mas não via que tava doente. Em 14 anos nunca quis parar, nem nunca tinha tentado parar, eu vivia em um ritmo tão frenético. Com trinta anos, a cocaína já dava algumas rebordosas fortes. As ressacas já eram de dois três dias. Aí eu pensava 'qualquer hora dessas vou parar'. Mas nunca parava. Me sentia cada vez pior, eu tava no fundo do poço. E foi aí, foi depois daquele final de semana, que vi que não podia mais continuar daquele jeito. Se continuasse não sei o que poderia ter acontecido.

Foi um amigo que me levou pra Daime. A gente era parceiro de pó, cheirava direto, todo final de semana. Aí ele já tinha ido e disse: você vomita pra caraça, mas depois fica bem. Aí eu fui pra Concentração.”

E no dia 29 de novembro de 1999, após ter ido em um Trabalho de Concentração do Santo Daime, sentiu-se mal, vomitou mas teve um sinal de que aquele era o caminho o ajudaria.

“Foi quando comecei a entender que, a cada trabalho, eu tinha mais responsabilidades comigo mesmo. Foi um clique. E um clique causado não pelo chá ou pela doutrina, mas pela busca incessante e angustiante até então, pelas respostas, pelos porquês da sua existência e do outro. Você não imagina o tamanho do meu alívio quando entendi que Deus não está, necessariamente, lá em cima olhando e julgando, e sim, dentro de nós. Dogmas, sabe? Minha vida

foi se transformando. O Santo Daime foi uma ponte que me levou a algo que eu não conhecia”.

Depois voltou a cheirar apenas mas uma vez. Ficou pior e teve certeza que precisava parar. A partir daí passou a ir a todos os trabalhos da Doutrina.

“Nunca tive crise de abstinência porque eu nunca tentei parar, nunca acreditei que tivesse problema nenhum, não achava que a droga mandava em mim, quase morria em alguns momentos, mas nunca quis parar. Quando eu quis, parei de uma vez. Tive só uma crise de abstinência.”

A família não tinha religião. Atualmente todos são evangélicos. Pedro não bebe nem cheira mais desde seu ingresso à Doutrina do Santo Daime há sete anos. Atualmente mora apenas com sua mãe, trabalha como vendedor autônomo em negócios da família.

“Se eu puder resumir a minha vida, do 0 ao 30 foi muito ruim. Não gostei não. Mas eu tenho essa visão hoje. Naquela época eu era muito escroto, muito mau elemento, muito perverso, sem noção, não prestava não. Eu era um viciado, mesmo que na época não quisesse ver. Eu renasci. Minha vida a partir do Daime é outra. Eu sei que foi o Daime que me curou. A Religiosidade pra mim é tudo. É o que manda na minha vida. É aquela calma, é o autocontrole, que eu não conseguia ter em lugar nenhum que com o Daime eu to sempre tentando conseguir... É uma construção. É a espiritualidade orientando.”

## **CAPÍTULO II: DROGADICÇÃO E ESPIRITUALIDADE**

### **2.1 A DROGADICÇÃO**

O drogadicto configura-se como uma personalidade própria, reflexo de nossos tempos, sintoma de uma sociedade alienante, que vê nestes, aqueles que fugiram às normas instituídas e mantenedoras desta mesma sociedade, esta, carente de identidade definida, em um tempo de posturas fragmentadas e ambivalentes, cujos caminhos a serem trilhados por seus indivíduos, são tortuosos e sem um claro delineamento.

A história de Pedro é imensamente expressiva como modelo paradigmático de construção de um drogadicto. É indiscutível, no entanto, que as determinantes que encaminham o indivíduo para a drogadicção são singulares e individualizadas. Não existe história de drogadicto que seja exatamente igual à de outro.

A noção de limites é atributo importante tanto ao paciente como à sua família. O filho deve ter limites, mas sua família também. E reconhecer limites implica em reconhecer também responsabilidades. Pais irresponsáveis, geralmente, geram filhos também irresponsáveis, no sentido de negligenciar suas necessidades.

O drogadicto é um ser necessariamente dependente, diferente do que defende com sua postura. E esta dependência parece estar relacionada a uma separação mal-elaborada de seus vínculos primários, que outra dependência qualquer. A dependência às drogas aparece aqui como uma dependência secundária a esta dependência primária. Possui uma debilidade egóica que o torna incapaz de suportar a depressão, tendo que recorrer a mecanismos maníacos para sua sobrevivência.

No entanto, "a reação maníaca só pode ter êxito com a ajuda das drogas, porque para a produção da mania se requer certa fortaleza egóica" que o adicto não tem (Rosenfeld, 1978). A repetição deste movimento com conseqüência satisfatória (êxito), ou seja, a manutenção de um estado maníaco e anulação (temporária) da angústia, promove uma debilidade cada vez maior do ego, pois seu repertório de defesa contra a angustia e a depressão, que já era pobre, vai se tornando cada vez mais ineficiente quando comparado ao recurso defensivo externo (droga).

Não há ao que parece, nos usuários compulsivos de drogas, um 'self desenvolvido', capaz de adotar uma posição sócio-cultural equânime. Este, o 'ator', é frágil, aquele, o

personagem', é forte, este é ameaçado, aquele é ameaçador, este tem muitos limites, aquele transita muitas vezes até os beirais da morte, com suas condutas de risco que desconsideram a noção de limites.

A falta de confiança básica, associado à ausência de experiências amorosas com uma figura maternal, paralisa o processo de amadurecimento antes de ser completada a separação-indivuação e desenvolver-se a constância objetal. A mãe é sentida como estranha e predadora, o que impede a passagem normal pela posição depressiva e fase edípica do desenvolvimento, ou seja, não têm consciência das outras pessoas como indivíduos separados com sentimentos próprios.

## **2.2 A ESPIRITUALIDADE**

Fromm (1962) considera o fenômeno religioso como um anseio fundamental da personalidade humana. A devoção a um fim ou a uma idéia, ou um poder transcendente, como o que existe na idéia de Deus, constitui no plano emocional, expressão do esforço humano no sentido de estabelecer unidade e equilíbrio entre o homem e o resto do universo. Daí a intensidade e a profundidade do anseio religioso.

A espiritualidade surgiria como o que Winnicott (1964) expressa como 'espaço potencial', que designa a possibilidade de vir a existir um espaço onde antes não existia nenhum. Como se surgisse um espaço diferente onde antes havia uma continuidade, a continuidade que denominamos "fusão" entre a criança e a mãe. O espaço potencial torna-se existente quando surge um objeto transicional. E nesse espaço pode passar a ser chamado de espaço transicional. E, como afirma Bion (1988), é representado pela capacidade de pensar, de simbolizar, que aos poucos instala-se no indivíduo.

### **2.2.1. O SANTO DAIME**

O movimento religioso do Santo Daime começou no interior da floresta amazônica, nas primeiras décadas do século XX, com o neto de escravos Raimundo Irineu Serra. Foi ele que recebeu a revelação de uma doutrina de cunho cristão, a partir da bebida Ayahuasca (vinho das almas), por nós denominada Santo Daime.

A bebida, de uso bastante difundido pelos povos indígenas da região, é obtida pela cocção de duas plantas, o cipó Jagube (*banisteriopsis caapi*) e a folha Rainha (*psicotrya viridis*) ambas nativas da floresta tropical. Ela tem propriedades *enteógenas*, isto é, produz uma expansão de consciência responsável pela experiência de contato com a divindade interior, presente no próprio homem.

A procura de orientação no plano divino através da indução de Estados Alterados de Consciência (James,1961), é a principal característica das práticas xamânicas, por isso identificadas por Eliade (1960) como técnica do êxtase. Esse fenômeno parece ser amplo e profundamente enraizado no horizonte cultural da humanidade, permitindo que o xamanismo seja considerado como disposição especial do ser humano (Gallois, 1996). A forma específica que "técnicas do êxtase" assumem nos rituais xamânicos, inclui a posse de poder por parte do xamã, capaz de situá-lo num tipo de estado que Michael Harner (1989) chamou de "estado xamânico de consciência", induzido por habilidades sob o controle do xamã, que o colocam em

contato com realidades ocultas, de onde retira conhecimento e poder para curar ou ferir, adquirir poder pessoal e bem-estar individual e coletivo.

Segundo Groisman (1991), para os participantes do Santo Daime, o ser humano seria constituído por três dimensões: o “aparelho”, a “matéria” e o “espírito”. As categorias “espírito” e “matéria” estariam relacionadas a duas outras categorias: o “Eu Inferior” e o “Eu Superior”. O primeiro estaria ligado às motivações materiais e o segundo as motivações espirituais e ambos fariam parte da natureza do ser humano. Um dos objetivos dos rituais daimistas seria permitir “despertar” ou “revelar” o “eu superior”, a natureza espiritual do ser humano.

### **CAPÍTULO III: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Na história de vida de Pedro a muito do que genericamente se encontra na grande maioria dos drogadictos. Aspectos tais como a não internalização da figura paterna simbólica e, portanto, o não estabelecimento de limites nos seus sentimentos e conduta, bem como o comprometimento da capacidade de simbolizar, restando apenas a concretude – forma primitiva de nossa mente, contrária à simbolização, caracterizada pelo pensamento mágico-onipotente.

Pedro expressava toda sua frieza e superficialidade, sem apego emocional com os outros. Todo o sujeito que saia das suas expectativas é tratado como ruim e recebe o tratamento “devido”. É implacável. Pedro descreve que caso alguém discordasse de seu pensamento ou valor, não tolerava e ‘o fazia mudar de idéia custasse o que custasse, não importando o meio para esse fim’. Há uma patologia muito séria em nível das relações objetais primitivas – fixação oral, com frustração severa. Isso impede que tenha relações afetivas com os outros. A ansiedade é de perda, depressiva. Ele se defende de envolver-se e correr o risco de ter que perder. Permanece ativa a primeira relação de objeto: solidão, inveja, frustração e perda.

“Nunca aceitei mulher mandar em mim, por isso me relacionava apenas com prostitutas. Era toda noite: puta, cocaína e álcool. (...) Só tive um relacionamento sério. Durou um mês.

Para a vivência de perda da imagem inicial é preciso tempo, variável em cada caso, para acostumar-se a uma nova imagem. Muitas tentativas de recuperar a imagem perdida são feitas neste caminho. Assim, interromper o uso de drogas pode ser equiparado a uma experiência de renascimento.

“Se eu puder resumir a minha vida, do 0 ao 30 foi muito ruim. Não gostei não. Mas eu tenho essa visão hoje. Naquela época eu era muito escroto, muito mau elemento, muito perverso, sem noção, não prestava não. Eu era um viciado, mesmo que na época não quisesse ver. Eu renasci. Minha vida a partir do Daime é outra.”

No dia 29 de novembro de 1999, após ter ido a um ‘Trabalho de Concentração’ do Santo Daime, sentiu-se mal, vomitou, mas teve um ‘sinal’ de que aquele era o caminho o ajudaria. Depois voltou a cheirar apenas mais uma vez. Ficou pior e teve certeza que precisava parar. A partir daí passou a ir a todos os trabalhos da Doutrina.

“Eu tava doente, doente do espírito, mas não via que tava doente. Em 14 anos nunca quis parar, nem nunca tinha tentado parar, eu vivia em um ritmo tão frenético. Com trinta anos, a cocaína já dava algumas rebordosas fortes. As ressacas já eram de dois três dias. Aí eu pensava ‘qualquer hora dessas vou parar’. Mas nunca parava. Me sentia cada vez pior, eu tava no fundo do poço. E foi aí, foi depois daquele final de semana, que vi que não podia mais continuar daquele jeito. Se continuasse não sei o que poderia ter acontecido.”

O Santo Daime reúne elementos cristãos, da tradição espírita européia, indígenas e africanos num culto que conta também com a ingestão de uma bebida feita a partir dos mesmos elementos constituintes da ayahuasca, bebida sagrada utilizada pelos incas antes da chegada dos espanhóis à América e por várias tribos da região amazônica, mas com um feitiço distinto do daquela. Diferentemente desses povos, o daime "casou" com o cristianismo no Brasil. Toda a doutrina e a maioria absoluta de seus hinos faz referências a ícones cristãos, como Jesus, Nossa Senhora e José. Sempre antes e depois do ritual é rezado Pai-Nosso, Ave Maria e Salve Rainha, entre outras orações.

A liturgia daimista consiste em três tipos básicos de trabalho: concentração, festejos (também conhecidos como bailados) e feitiço, e em todos se comunga do Santo Daime. Nas concentrações realiza-se um trabalho de auto-conhecimento e aprendizagem através das mirações, visões alcançadas através da fé de cada participante e da bebida sagrada. Pedro nos descreve sua percepção:

“Eu sei que foi o Daime que me curou. Hoje eu vejo que eu tava doente. A cura pra mim é ser dono do que eu quero ser hoje. Naquele tempo eu nem sabia o que eu queria. Hoje eu sei o que quero, sei o estado que eu gosto de estar. Eu to aqui tranquilo, sem muita perturbação. Cada dia mais tranquilo. Então pra mim isso é uma cura.”

Sabemos que o conceito de cura em psicanálise é bastante complexo e polêmico, tendo em vista o arcabouço teórico desenvolvido por Freud, de modo que não nos propomos discuti-lo neste momento. Consideramos, entretanto, indispensável mencionar que, no contexto da psicopatologia psicanalítica estrutural, diferentes estruturas/organizações de personalidade apresentam angústias básicas distintas, cuja abordagem terapêutica requer técnicas diversas (Bergeret, 1974).

Toda cura é empreendida, para este autor, através da busca de compensação da estrutura do sujeito, sem pretensão do alcance de transformação estrutural, já que considera que uma existência "saudável" pode ser conquistada tanto a partir de uma estruturação neurótica de personalidade, como a partir de uma estruturação psicótica.

A cura está associada a uma mudança, a uma nova forma de compreensão do mundo, ou seja, há uma resignificação dos elementos que compõe a vivência. A inteligibilidade sobre a etiologia das doenças abrange dimensões que não são observadas pela medicina e finda por preencher outras funções além da propriamente terapêutica.

Para nosso sujeito, bem como para a comunidade Daimista, o conceito de "cura" é mais amplo que o biomédico, referindo-se também a outras dimensões que vão além do "corpo físico" e colocando uma grande ênfase na "dimensão espiritual". Para os Daimistas, o Daime é visto como um "grande remédio", uma "medicina universal", cuja bebida é considerada como um "ser divino", dotada de personalidade própria e capaz de curar e de transmitir conhecimento.

“Religiosidade pra mim é tudo. É o que manda na minha vida. É aquela calma, é o autocontrole, que eu não conseguia ter em lugar nenhum que com o Daime eu to sempre tentando conseguir... É uma construção. É a espiritualidade orientando.”

O efeito da bebida do Santo Daime promove uma expansão na consciência que, sem a perda da capacidade de ação voluntária, *permite que se observe os próprios sentimentos e*

*pensamentos com maior clareza.* No decorrer do ritual, o estado de consciência intensificada pelo chá amplifica as situações recorrentes da vida cotidiana, revelando contradições existenciais e processos interiores que se repetem inconscientemente em diversos níveis.

Esses processos involuntários são compreendidos pela consciência intensificada dos participantes, através da corrente formada pelo bailado e pelos hinos, que sugerem sempre uma solução positiva para os problemas. Segundo os participantes do culto, o ritual é “uma auto-análise”. O processo vivido sobre o efeito da bebida, abrindo as portas do inconsciente e ação condicionante do hinário (hinos + bailado) levam a um exame crítico das ações cotidianas, com base nos princípios cristãos.

A investigação psicanalítica demonstra que o comportamento compulsivo, ritualista, é consequência de intensos afetos inconscientes, que o paciente, sem saber, controla mediante tais práticas. Porém, o ritual compulsivo tem função ambígua: ao mesmo tempo que protege o indivíduo de quaisquer sentimentos devastadores, perpetua os impulsos destrutivos, porque lida com eles de forma indireta (Fromm, 1962). Um ritual, em conotação generalista, é uma ação que expressa anseios comuns, ligados a valores comuns e realizada de maneira coletiva.

No caso da “substituição da droga pela religião”, observa-se a troca de um ritual irracional por um racional. Segundo Fromm (1962), um ritual racional difere do irracional, primeiramente por sua função; o primeiro não tem por função *afastar* impulsos reprimidos, mas *exprimir* anseios que são reconhecidos como *valiosos* para o sujeito. faz sentido. Na existência de um sólido e consolidado objeto bom interno, a reparação é feita.

Conseqüentemente, não a qualidade obsessivo-compulsiva tão característica do ritual irracional, como é o caso do abuso de drogas; se este não é realizado, o impulso reprimido ameaça manifestar-se; desse modo, qualquer falha na realização do ritual provoca considerável ansiedade. Essas conseqüências não acompanham as faltas na realização do ritual racional; pode haver desgosto, mas nunca aparece *medo*.

De fato, podemos reconhecer o ritual irracional pelo grau de medo produzido por qualquer violação ao mesmo. Vê-se aí, a manifestação imperiosa dos objetos internos maus, que afetam diretamente a percepção e representação da realidade externa e interna.

O funcionamento destes objetos internos maus pode ser entendido como um superego sádico e primitivo, que evoca a culpa excessiva e o sentimento de ausência de objetos bons, bem como um mundo desprovido de sentido. Em um ritual racional, o que impera é a ação de um objeto interno bom, provendo a sensação de coerência interna, na qual o ‘contido’ faz sentido. Na existência de um sólido e consolidado objeto bom interno, a reparação é feita.

A experiência com o Santo Daime tem invariavelmente como base a experimentação de um profundo estado alterado de consciência. Através dela, o indivíduo obtém uma visão terapêutica de suas neuroses, dos seus padrões de comportamento e da dinâmica emocional dos seus vícios, além de questionar seus próprios conceitos e entendimentos da realidade, tornando-se capaz de transcendê-los nos seus fundamentos. Esta concepção integra-se à visão dos xamãs que fazem uso da ayahuasca, pois eles afirmam que a beberagem não só lhes dá uma idéia mais profunda de si mesmos como também uma nova e melhor maneira de viver.

“Antigamente eu dizia que sabia tudo, não conseguia conversar, se o cara tivesse falando algo que eu não concordava eu não conseguia respeitar a opinião dele, eu brigava, gritava, explicava até que ele cedesse e visse que eu tava certo. Pra mim só tinha a minha opinião e de mais ninguém. Agora não. Agora eu aprendi que devemos respeitar a opinião do nosso semelhante.”

Para os Daimistas, o aspecto espiritual é indissociável do psicológico, uma vez que os hinos tanto servem para doutrinar os desencarnados como para, simultaneamente, apontar as falhas e os defeitos morais dos participantes, desmascarando a sintonia existente entre o que as pessoas pensam e o que acontece no mundo espiritual. Neste duplo processo, de auto-desenvolvimento psicológico e desobsessão espírita, os participantes sofrem as “peias” e têm as “mirações”. A “peia” representa uma difícil prova cármica a ser vencida ou o castigo necessário ao perdão dos pecados, o “sofrimento purificador” - que pode se manifestar na forma de vômitos, choro convulsivo, diarreia e mal-estar generalizado.

Assim, a prática espiritual efetiva-se e permite a constante busca de um refinamento interno.

“Sempre fui mau-elemento. Batia até na sombra. Agora eu não faço mas nada que se assemelhe a agredir alguém. Se for em pensamento, mágoa alguma coisa. O Daime mostra pra gente. A gente pega ‘péia’. Depois da separação dos meus pais eu passei oito anos sem falar com meu pai. Voltei a falar só depois que entrei na Igreja. Sei que ele é uma boa pessoa, tem suas falhas. Hoje eu até visito ele lá em Fortaleza, a gente sempre se fala.”

A capacidade de pensar podendo instalar-se dentro de um ambiente suficientemente bom. A onipotência dando lugar à potência. A droga, como objeto transicional, perdendo tal sentido, “relegada ao limbo”. Fala como se estivesse podendo pensar, como se pudessem perceber a existência de um mundo interno que antes não era percebido. Os conflitos entre ego e superego (pai identificado, como herdeiro do Complexo de Édipo), podem ser reeditados. Medo à castração, submissão, culpa onipotente, comportamentos sado-masoquistas, etc., são novamente vivenciados entre o sujeito e a prática espiritual que o norteia.

Observamos que em Pedro, a partir do ingresso na Doutrina e sua vinculação com os valores e filosofia propostos e aceitos, suas interações com os outros, anteriormente caracterizadas por agressão e poder ao invés de vinculação, para um relacionamento mais saudável, cessando a agressividade e emergindo o respeito pela individualidade de outrem. Também, sobre a ação do superego sádico manifestado por conduta cruel e perversa em relação aos outros, vivendo a parte agressiva de seu anaclitismo ao invés de inibi-lo ou voltá-lo contra si mesmo.

A ausência de qualquer sentido moral é uma das apavorantes qualidades que os fazem parecer destituídos de qualquer humanidade. Seu único sistema de valores em relação a qualquer conseqüência é o exercício do poder de agressão, e seu único vestígio de desenvolvimento de superego pode ser os precursores do superego sádico (ou objetos do *self* estranhos) manigestos por seu comportamento sádico e cruel (Kernberg, 1984). A falta de interesse na racionalização ou justificativa moral de seu comportamento sucumbiu. A partir de seu discurso, verifica-se que Pedro julga e compreende sua conduta agressiva e destrutiva, a partir de uma explicação espiritual.

“Eu entendo essa parte de hoje, eu era desse jeito, já por um lance espiritual mesmo que me acompanha, que eu só fui entender pelo Daime, eu era muito, muito mau-elemento. Eu era o terror dos moleques, dos mais novos que

eu. Se eu tivesse no canto e o moleque passasse cinco correndo, um ia pro chão que eu ia dá-lhe a pernada, eu ia meter o pé pra cair. Eu era problemático. Fazia muito mal pros outros.”

É essa necessidade de dar sentido as coisas que nos faz viver, segundo Rubem Alves (1999). Sem os símbolos não poderíamos viver, eles é que tornam uma simples pedra, um óleo, um ramo, a água, em elementos de significado para a concretização de um desejo. Portanto, esse conjunto de símbolos trabalhados pela prática mágico-religiosa faz com que o universo caótico e desordenado que é a doença, passar a dar um novo significado a si e ao mundo.

“Resumindo pra você... antes eu era do mal e agora eu sou do bem. Em todos os aspectos que se possa imaginar... Hoje em dia é a paz... ajudar a mim e as pessoas e manter a tranqüilidade.”

A atitude religiosa, entendida desse modo, constitui, ao mesmo tempo, a mais completa experiência de individualidade e de dispersão; não tanto uma mistura das duas, mas uma polaridade, cuja tensão origina a experiência religiosa. Nessas condições, a atitude religiosa encerra orgulho e integridade, e, concomitantemente, humildade resultante da percepção de si mesmo como um simples elemento da organização universal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em nossa pesquisa, verificamos que a partir do ingresso de Pedro na Doutrina e sua vinculação com os valores e filosofia propostos e aceitos, uma razoável reestruturação de seu funcionamento psíquico, observados em suas interações com os outros, anteriormente caracterizadas por agressão e poder ao invés de vinculação, para um relacionamento mais saudável proporcionado pela real consciência a respeito de si próprio e do ambiente.

Fundamentalmente, o modelo de terapêutica a partir da espiritualidade nos fornece um “idioma” que permite a expressão de experiências de sofrimento e aflição. A religião emerge oferecendo a possibilidade de construção de um modelo operativo interno, um porto seguro e fonte de segurança, tendo como resultado a regulação do sentimento de segurança.

A doença ao ser incluída numa explicação passa a ganhar sentido, fazendo já parte do processo de cura. A própria significação do problema já torna possível a cura, pois a cura passa por uma compreensão do problema vivido. Os limites impostos pela espiritualidade fornecem o sentimento de valoração para o drogadicto.

Nessa atmosfera, a cura se efetiva por essa significação que é feita através de um código lingüístico já conhecido por aquele que compartilha do mesmo universo simbólico. Constatando-se aí a dificuldade das ciências da ‘mente’ e ‘corpo’ em penetrar nesse mundo: primeiramente, porque entendem como universais, portanto detentoras da verdade; em segundo, porque estão inseridos em outro universo simbólico.

Observa-se a onipotência dando lugar à potência. A droga, como objeto transicional, perdendo tal sentido, “relegada ao limbo” e agora percepção da existência de um mundo interno que antes não era percebido. Os conflitos entre ego e superego (pai identificado, como herdeiro do Complexo de Édipo), são reeditados.

Em nossa pesquisa, verificamos que a partir do ingresso de Pedro na Doutrina e sua vinculação com os valores e filosofia propostos e aceitos, uma razoável reestruturação de seu funcionamento psíquico, observados suas interações com os outros, anteriormente caracterizadas por agressão e poder ao invés de vinculação, para um relacionamento mais saudável, cessando a agressividade e emergindo o respeito pela individualidade de outrem.

Assim, a religiosidade, como a “cura da alma”, possibilita ao sujeito recriar sua realidade, empreendendo junto com ele a trajetória rumo a “cura”. E, a este, cômico de sua realidade, deve ser possível encontrar na espiritualidade, condições para que seu fortalecimento psíquico, habilitando-o ao enfrentamento de suas limitações e, além disso, deve propiciar a emergência de uma conversão emocional perene, na qual uma reflexão ininterrupta e sincera acerca de prioridades, valores e propósitos direcionem o modo de existir de um indivíduo que, encontrando seu continente na religião, busca comprometidamente em sua

empreitada, reintegrar e reafirmar construtivamente suas potencialidades, proporcionando-lhe paz e determinação duradouras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_, Rubem. **Religião e Repressão.** São Paulo: Editora Teológica, 2005.
- ANDRADE, Mário de. **Música de Feitiçaria no Brasil.** 3.ed. São Paulo: Livraria Martins Editora. Obras Completas, 1963.
- BENNY, Shanon. Os conteúdos das visões da ayahuasca. **Mana.** Rio de Janeiro, v.9, n.2, out., p.1-20.
- BERGERET, Jean. (1984) A Personalidade do Toxicômano. In: BERGERET, J. & LEBLANC, J. Editores. **Toxicomanias.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- \_\_\_\_\_, Jean. **A personalidade normal e patológica.** Trad. Maria Elísia Valliati Flores. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- BIRMAN, Joel. **Mal-Estar na Atualidade: A Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação.** 2ª. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BION, W.R. **Atenção e interpretação.** São Paulo, Imago, 1988.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular.** São Paulo: Brasiliense, 1980
- BUCHER, R. **Drogas e Drogadição no Brasil.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- CEMIN, Arneide Bandeira. **O poder do Santo Daime: Ordem, Xamanismo e Dádiva.** São Paulo: Terceira Margem, 2001.
- COELHO, Vera P. **Os alucinógenos e o mundo simbólico.** São Paulo: E.P.U., 1976.
- CRESPI, Franco. **A experiência religiosa na pós-modernidade.** 1ª.ed. São Paulo: EDUSC, 1998.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** São Paulo: Cultrix, 1988.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- FREITAS, Adelina Lima. **Declínio da Função Paterna e Toxicomania.** Trabalho apresentado no VI Fórum de psicanálise, Rio Grande do Sul, 2001.
- FROMM, Erich. **Análise do homem.** 9ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- \_\_\_\_\_, Erich. **Psicanálise e Religião.** 1ª.ed. Portugal: Edições 70, 2003.
- \_\_\_\_\_, Erich. **Ter ou ser?** 4ª.ed. São Paulo: LTC, 1987.
- HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos – O breve século XX.** 2ª.ed. 8ª reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

- HOFFMANN, Erik., HESSELINK, JAN M. KAPPEL e BARBOSA, Yatra W. M. da Silveira. Effects of a Psychedelic, Tropical Tea, Ayahuasca, on the Electroencephalographic (EEG) Activity of the Human Brain During a Shamanistic Ritual. **Maps**. V.XI, n.1, primavera, 2.25-30, 2001.
- KALINA, E. **Drogadição. Indivíduo, família e sociedade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- KERNBERG, **Psicoterapia psicodinâmica de pacientes borderline**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- KLEIN, M. "O Complexo de Édipo à luz das primeiras ansiedades". In: **Contribuições à Psicanálise**. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1947.
- KLEIN, M. "A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do ego". In: Klein, M. **Contribuições à Psicanálise**. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1946
- LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de Psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTO DAIME – A Doutrina da Floresta. Disponível na Internet em [www.santodaime.org](http://www.santodaime.org).
- PAIVA, Geraldo José de. **A representação na Religião: Perspectivas psicológicas**. 1ª.ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena (org). **O uso ritual da ayahuasca**. 2ª.ed. São Paulo: Mercado de Letras/FAPESP, 2004.
- LABATE, Beatriz Caiuby (org). **A reinvenção do uso da ayahuasca em centros urbanos**. 1ª.ed. São Paulo: Mercado de Letras/FAPESP, 2004.
- MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. 30ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- METZENER, Ralph (org). **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza**. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Editora Gryphus, 2002.
- VALLE, Edenio. **Psicologia e experiência religiosa**. São Paulo: Loyola, 1998.